

Matemática, cultura e o costume de tomar mate

Martin Nicolás Rodríguez Zamit

Ibirité, Minas Gerais, Brasil

martinnrzamit@gmail.com

Licenciado em Matemática, Mestrando em Educação Matemática

Universidade Federal de Ouro Preto

Orcid : 0000-0003-4328-910X

São pouco mais das oito da manhã, chego à cozinha onde os colegas mestrando bebem café, o cheiro intenso é percebido desde o corredor, um aroma muito agradável, eu gosto muito, mas para mim é muito importante, por uma questão de hábito, todas as manhãs preparar meu mate, sim o mate, que é diferente do chá mate, e do chimarrão, porém parece muito com o último, só que a erva utilizada é mais grossa. Eu sou do Uruguai, e lá tomamos mate todos os dias, de manhã, e depois, de tarde. Às 8:30 começa a primeira aula do dia, Álgebra, e de tarde teremos a primeira aula de Etnomodelagem. Pelo que vi na ementa, hoje teremos uma introdução referente à Etnomatemática, vi alguns slides que o professor postou sobre uma resenha histórica, quero que chegue a tarde para ter a primeira aula de Etnomodelagem. Tenho pouco tempo para preparar meu mate, esquentar água e poder levar para beber enquanto a primeira aula acontece.

O mate, para nós uruguaios, não é apenas uma bebida comum, tem pessoas que falam que é a melhor rede social, pois quando alguém está tomando mate e um conhecido aparece, o costume é oferecer um mate, e aí já começa um diálogo de qualquer tema da vida, do clima, do futebol, do governo, de um feriado, e por aí vai. É algo comum ver pessoas compartilhando o mate, embora a partir da pandemia de Covid isso tenha parado de acontecer por motivos sanitários.

A grande diferença do mate, então, está em que quando se toma e a pessoa está sozinha, apenas bebe a infusão, e quando está acompanhado o mate é motivo da festa do encontro, de um diálogo, que geralmente pode começar por falar da erva utilizada, de como está a montanha de erva, ou como está a inclinação da bomba, pois segundo muitos

falam, quando a bomba está muito vertical, o mate fica mais quente, e já quando a bomba está mais inclinada, mais ou menos uns 30 graus, o mate costuma continuar quente mas não fervendo.

Bem poderia aparecer algum gaúcho, ou algum uruguaio ou argentino, ofereceria um mate para ter aquela sensação de ter um parceiro perto, alguém que conhece e compartilha alguns costumes culturais, pois mesmo eu tendo muitos anos aqui no Brasil, em Minas Gerais a cultura do mate não existe, e é vista como algo muito exótico, por ser amargo, dificilmente alguém se anima beber. Pode aparecer sempre algum conhecedor de mate, de chimarrão, e que conheça e até goste, e mesmo não tendo o conteúdo cultural dos costumes, essa pessoa já conheceu parte da história do mate, e suas implicações socioculturais.

Já me aconteceu que na graduação um dos professores que tinha feito doutorado na Argentina, ele tinha adotado o costume do mate diariamente, e eu chegando na porta da sala de aulas onde a disciplina dele iria começar, ele aguardava os alunos tomando mate, com erva-mate argentina. Esse dado eu soube uma vez que perguntei, e fui convidado com um mate e ele me mostrou o pacote de erva. De maneira que, de vez em quando, aparecem pessoas que tomam mate.

Trazendo as diferenças, o mate gaúcho é conhecido como “chimarrão” com uma erva fina, uma cuia ampla, com capacidade de uns 200 a 300 gramas de erva, a bomba no extremo de baixo tem uma paleta redonda, grande, com furos muito pequenos por onde é filtrada a infusão de mate, sem deixar passar a erva. Os gaúchos, como os uriguaio e argentinos costumam tomar chimarrão numa roda coletiva muitas vezes ao redor de um fogo de chão e com uma chaleira cheia de água fervendo, de onde se enche a cuia; quando estão de passeio na rua, em algum espaço público eles bebem a água de uma garrafa térmica. em outros estados do sul e alguns do centro oeste também bebem chimarrão, e em alguns casos mate tereré, que é um mate com água gelada e limão, refrescante.

Na Argentina costumam tomar mate em uma cuia pequena, onde a mesma possui uma boca pequena, principalmente em Buenos Aires, os argentinos costumam beber o

mate de forma individual, e às vezes doce, e por isso a cuia pode ser menor, como o consumo de água e chamam a chaleira de “pava”.

Os uruguaiois tomamos mate com uma cuia que oscila entre a argentina e a gaúcha, não chegando a ser pequena, a não ser que a pessoa tenha que beber sozinha, e nem chega a ser muito grande, embora nos últimos anos as modas vêm mudando e muitos vêm optando por cuias maiores, uma vez que o sabor do mate permanece após ter consumido quase um litro de água de uma garrafa térmica; a erva é mais grossa que a utilizada pelos gaúchos, a nossa é similar a grossura utilizada no Paraná, e a bomba também é diferente, possui orifícios maiores, já que como falei antes, a erva tem uma moída grossa. Cada povo tem seu tipo de mate, ou de chimarrão, ou até de Tereré. O fato que faz parte da nossa cultura, e a quantidade de erva utilizada, as técnicas de preparo do mate, a inclinação da bomba e tamanho da cuia são motivos para afirmar que o mate está gostoso ou não.

Podem ser observadas várias aulas de etnomatemática se começamos a decompor o volume da cuia, as formas, a temperatura da água. É comum ver na fala das pessoas que têm por costume local tomar mate ou chimarrão, agregar nos relatos técnicos certas matemáticas que utilizam para o bom preparo, geometrias espaciais, grandezas, cálculos de volumes, ângulos e medidas, regras de três, etc. Toda essa matemática está escondida no cotidiano cultural de uma prática que não pode ser matematizada sem entender o preparo do mate.

Aula quase começando, pelo visto nenhuma pessoa do sul nem do Rio de la Plata apareceu. Abriu a porta e apareceu o professor Paulo. Quando me viu tomando chimarrão, falou: “O professor Sebastião também toma chimarrão, convide ele que vai gostar”. O professor Sebastião é meu orientador de pesquisa, e acabo de saber que mesmo ele sendo de outro país onde o chimarrão não é costume, também conhece o mate e gosta de tomar.

Passei a aula da manhã tomando mate enquanto resolvemos algumas demonstrações. Na aula da tarde, de Etnomodelagem ele, que é um dos professores que leciona, tomou mate comigo, e a partir desse detalhe para muitos insignificante, eu consegui me sentir em casa.

Matemática, Cultura e o Costume de Tomar Mate

Mathematics, Culture and the Custom of Drinking Mate

Matemática, Cultura y la Costumbre de Tomar Mate

Resumo

Neste relato é mostrado como em uma prática cultural, simples e cotidiana, como é o de tomar mate, pode-se encontrar uma riqueza de matemática importante, que está presente e discreta nos saberes e fazeres de preparar uma simples infusão de mate. O texto é escrito no contexto de um dia, em um Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, onde o autor conta como personagem principal, como vive os primeiros momentos no dia do curso, e da importância do mate e de ter um professor que leciona Etnomodelagem, e que mesmo de outro país, esse professor, Sebastião, conhece e gosta de tomar mate, o que afeta positivamente à personagem principal por fazê-lo se sentir em casa, só pelo fato de tomar também mate. Dentro do relato existem reflexões e conexões socioculturais onde a matemática se apresenta e se extrai das reflexões do cotidiano da prática do mate e do chimarrão.

Palavras-chave: Cultura. Mate. Cotidiano. Matemática. Conexão

Abstract

This account demonstrates how in a simple, everyday cultural practice like drinking mate, one can find a wealth of significant mathematics that is present yet subtle in the knowledge and actions involved in preparing a simple mate infusion. The text is written in the context of a day in a Graduate Program in Mathematics Education, where the author narrates as the main character, describing their first moments on a course day and the importance of mate. It highlights having a professor who teaches Ethno Modeling and who, even though from another country—Sebastião—knows and enjoys drinking mate, which positively affects the protagonist by making them feel at home simply through sharing mate. Within the narrative, there are reflections and sociocultural connections where mathematics emerges and is extracted from everyday reflections on the practice of drinking mate and chimarrão.

Keywords: Culture. Mate. Everyday Life. Mathematics. Connection.

Resumen

En este relato se muestra cómo en una práctica cultural simple y cotidiana, como tomar mate, puede encontrarse una riqueza matemática importante, que está presente de manera discreta en los saberes y quehaceres de preparar una simple infusión de mate. El texto transcurre en el ámbito de un día común, de un Programa de Posgrado en Educación Matemática, donde el autor narra, como protagonista, cómo vive los primeros momentos del día de clase, y la importancia del mate y de tener un profesor que enseña Etnomodelaje, quien, aunque es de otro país -Sebastián- conoce y disfruta tomar mate, lo que afecta positivamente al protagonista al hacerlo sentirse como en casa, simplemente por compartir el hábito de tomar mate. Dentro del relato existen reflexiones y conexiones socioculturales donde las matemáticas emergen y se extraen de las reflexiones cotidianas sobre la práctica del mate y el “chimarrão”.

Palabras clave: Cultura. Mate. Cotidiano. Matemáticas. Conexiones.